

Programa preventivo diminuir risco para amputação do pé do diabético

O diabetes é responsável, atualmente, por 70% das amputações de pés no Brasil, provocadas basicamente por problemas vasculares (de má circulação sanguínea) e neuropáticos, quando os nervos perdem a sensibilidade facilitando ferimentos que passam despercebidos até um estágio mais avançado. Os gastos com uma única internação para a cirurgia deste tipo chegam a somar US\$ 10 mil, entre internação, medicamentos e recuperação final do paciente. Uma despesa que poderia ser evitada principalmente para o setor público de saúde, onde a falta de verbas é crônica, com um acompanhamento preventivo do paciente em risco.

A afirmação é da médica Linda Pedrosa, coordenadora do Programa de Prevenção e Controle de Diabetes no DF e do projeto "Salvando o pé diabético" desenvolvido no Hospital Regional de Taguatinga (HRT). Há cerca de três anos o programa subsiste com recursos do próprio hospital, enquanto aguarda a celebração de um convênio com o Ministério da Saúde. "É uma iniciativa pioneira no País, onde tentamos diminuir o número de mutilações nos pés através do tratamento precoce de futuras ulcerações perigosas e da educação preventiva aos pacientes".

Para detectar um "pé em risco", como é chamado clinicamente, a equipe de diabetólogos e enfermeiras do HRT realizam exames periódicos e testes sensoriais em pacientes com problemas circulatórios e intervenções primárias em ulcerações (feridas) iniciais. Linda Pedrosa explica que 85% dos casos de amputação de pés decorrem de inflamações prococadas pela perda de sensibilidade nestas regiões. O paciente com neuropatia não percebe o surgimento de feridas leves e calosidades provocadas por calçados apertados ou cortes variados, que acabam se transformando em quadros graves e podem levar à mutilação".

Segundo disse, com um controle adequado da doença e informações específicas sobre educação e higiene, as amputações poderiam ser reduzidas em até 60%. Além do custo excessivo da operação e do tratamento posterior, o problema é causa imediata de outro tipo de complicação social e econômica. "Em média, um paciente amputado permanece três meses internado e necessita de outro grande período para reabilitar-se e reintegrar-se no meio produtivo", enfatiza.

O HRT atende, hoje, cerca de 100 pacientes diabéticos por semana, mas sofre com a escassez de recursos. "Muitas vezes precisamos improvisar equipamentos para trabalhar", diz Linda Pedrosa. O projeto, entretanto, conseguiu apoio científico internacional. De acordo com a médica, a Universidade do Texas, dos Estados Unidos, e a Universidade de Manchester, da Inglaterra, enviaram representantes em novembro do ano passado ao HRT para consolidar um programa de consultoria entre o hospital e as universidades. "Teremos acesso aos estudos desenvolvidos nesta área por especialistas destes países, principalmente no que se refere a curativos e formas de precaução", declarou.

Excesso de glicose caracteriza doença

O Diabetes melito é uma doença crônica, que se caracteriza pelo nível excessivo de glicose (açúcar) no sangue. Quando não tratado, este nível de glicose chega a valores altos, causando graves problemas de saúde. De acordo com a médica Linda Pedrosa, os diabéticos são mais propensos a problemas vasculares devido ao acúmulo de gorduras nas artérias, quando a doença não é bem controlada. Por isso, necessitam de atenção periódica e direcionada.

"A capacidade de recuperação de algum corte ou ferida no diabético também é menor do que em pessoas não diabéticas. Daí a importância de um tratamento preventivo. As amputações são traumas que podem ser evitados", comentou. Segundo ela, o programa desenvolvido pelo HRT está direcionado especificamente a este tipo de paciente. O hospital não dispõe de material ou recursos necessários para a ampliação do tratamento a pacientes de menor risco, não portadores da doença.